

PORPINO, Karenine de Oliveira. Experiência e presença: a relação entre dança e práticas orientais na formação do artista da dança. Natal: UFRN; professora associada.

### RESUMO

O trabalho em questão objetiva discutir relações entre dança e práticas orientais no âmbito da formação de artistas da dança, tendo como base a seguinte questão: Como as práticas orientais e a dança se relacionam na experiência de artistas professores? Denominamos de práticas orientais, experiências de movimento tais como Tai chi chuan, Yoga e Aikidô, dentre outras práticas do oriente, que se caracterizam por uma disciplina corporal aliada a uma filosofia de vida. A investigação tem como referência teórica os conceitos de experiência e presença, discutidos com base em autores como Merleau-Ponty; Varela, Thompson e Rosch, dentre outros. A pesquisa orienta-se pela Fenomenologia e parte da experiência de artistas docentes da dança, cuja formação inclui a vivência com as práticas orientais, além da dança. Para o registro dessas experiências recorre-se à construção de narrativas escritas compreendendo-as como uma possibilidade de mergulho e submersão na vida do narrador, no sentido expresso por Walter Benjamin. A investigação justifica-se como possibilidade de contribuir com as discussões em torno da Dança Contemporânea, no sentido dado por Laurence Louppe, no que tange a articulação entre referências gestuais e a compreensão do corpo como protagonista da criação de novas poéticas.

**Palavras-chave:** Experiência: Presença: Dança: Formação: Práticas orientais.

### RÉSUMÉ

Le travail en question est de discuter des relations entre la danse et les pratiques orientales dans la formation des artistes de la danse, sur la base de la question suivante: Comment les pratiques orientales et de la danse rapportent l'expérience des artistes enseignants? Appel de pratiques orientales, les expériences du mouvement tels que Tai chi chuan, yoga et aikido, entre autres pratiques de l'Orient, qui sont caractérisés par une discipline corporelle associée à une philosophie de vie. La recherche est référence théorique des concepts d'expérience et de présence discuté basées sur des auteurs comme Merleau-Ponty; Varela, Rosch et Thompson, entre autres. La recherche est guidée par la phénoménologie et une partie des artistes de la danse de l'expérience de l'enseignement, dont la formation comprend l'expérience avec les pratiques orientales, et de la danse. Pour l'enregistrement de ces expériences auront recours à la construction de récits écrits les comprendre comme une occasion de plonger et d'immersion dans la vie du narrateur, dans le sens exprimé par Walter Benjamin. L'étude est justifiée comme une possibilité de contribuer aux discussions de la danse contemporaine, au sens donné par Laurence Louppe, concernant la relation entre les références gestuelles et la compréhension du corps comme le protagoniste de la création de nouvelles poétique.

**Mots-clés:** Expérience: Présence: Danse: Education: Pratiques orientales

As mãos descrevem uma trajetória circular e alternada, enquanto meu olhar sem foco percorre os movimentos lentos que beiram meu peito num fluxo de energia intenso que invade todo meu corpo. Os pés enraizados ao chão acompanham o gesto num deslocamento sorrateiro, sabe aonde quer chegar, embora não queira chegar a parte alguma. A circularidade me mobiliza, é meu próprio movimento, percorre, convoca, organiza, mas não julga. Põe-me a ver o que não pode ser

visto, segurar o que não pode ser preso, ouvir um som que se confunde com minha própria pulsação. Sinto o frescor do vento, a textura do ambiente, a presença de muitos. Movendo as mãos como nuvens estou em estado meditativo, descubro uma poética. Estou presente, inteira, o movimento se confunde comigo, não é mais o Tai Chi Chuan, sou eu, estou dançando.

O gesto de mover as mãos como nuvens, proveniente do Tai Chi Chuan, é descrito a partir de uma fenomenologia do corpo que poderia ser identificada como uma fenomenologia do eu. Sim, pois meu corpo se confunde comigo, já afirmava Merleau-Ponty (1994) ou melhor, meu corpo sou eu. Quando faço os movimentos descritos essa sensação me percorre, assim também quando danço. Estou presente em mim mesma, e sendo eu, o movimento de Mover as mãos como nuvens, não poderia estar distante ou ausente de minha experiência com a dança, pois do ponto de vista da experiência do movimento, as várias práticas corporais aprendidas ao longo de uma vida se organizam de modo diferente dos modos como as pedagogias as ensinam. O corpo em movimento, em sua polifonia sensorial e plasticidade, recoloca a cada instante as experiências vividas em novas experiências. Já não é mais a forma de um movimento do Tai Chi Chuan que se aprendeu com um mestre, nem tampouco um movimento de dança de uma determinada técnica, mas a emergência constante de novas formas de se movimentar, que conferem ao indivíduo novas percepções do mundo a cada instante.

Essas palavras iniciais contextualizam o perfil da investigação que venho desenvolvendo sobre as proximidades entre dança e práticas orientais no âmbito da formação do artista da dança, com foco na discussão da tríade dança, corpo e presença. Nesse texto me debruço sobre os temas da experiência e da presença, como conceitos e como ações vividas, entrelaçando o ato de viver a experiência do movimento e estar presente nela com o pensamento de interlocutores que me movem a investigar, no âmbito da pesquisa acadêmica, o que já venho pesquisando em mim mesma nos últimos vinte anos. Assim a pesquisa, pretende trazer contribuições para o campo do ensino da dança, sendo este pensado como lugar fecundo para a emergência de uma poética do indivíduo, que não se fixa ou se reduz a técnicas e estéticas específicas do dançar, mas retorna a estas para recoloca-las a favor de uma necessidade expressiva dos dançarinos (LOUPPE, 2012; LUNAY, GINOT, 2012).

Nesse contexto, a referência da Fenomenologia se apresenta como possibilidade de retornar ao mundo da percepção do movimento, colocando entre parênteses o conhecimento produzido sobre a dança e as práticas orientais (Tai Chi Chuan e Meditação) para a elas retornar continuamente, tendo como referência uma base existencial que possa fazer germinar novos horizontes de significação. Para tanto, são consideradas nessa investigação experiências diversas como a participação em laboratórios individuais e coletivos de criação em dança, situações de ensino em disciplinas da graduação em dança, vivências em grupos de Tai Chi Chuan e Meditação. Tais experiências são registradas em um caderno diário como possibilidade de mergulho e submersão na experiência sensível para a produção de narrativas, tal qual a que inicia esse texto. Machado (2002) e Dutra (2002), já explicitaram o diário como suporte de registro das experiências do dançar e a produção de narrativa como recurso técnico para pesquisa fenomenológica, respectivamente. No entanto, na pesquisa aqui abordada, esses registros se aproximam da concepção de uma biografia sem fatos, como bem expressou Fernando Pessoa em seu Livro do Desassossego. “Faço paisagens com o que sinto”, (PESSOA, s.d.). Afirmando que essas ideias me mobilizam a produzir um registro escrito a partir das minhas percepções, como uma “biografia sem fatos”, como “confissões”, mais voltadas para a descrição de um sentir do que uma mera descrição dos acontecimentos. Dessas pequenas narrativas sem fatos, das quais Mover as mãos como nuvens é apenas um exemplo, passo a discutir os termos experiência e presença, tendo como foco a relação entre a dança e práticas orientais.

Mover as mãos como nuvens é um dos tantos movimentos do Tai Chi Chuan, prática chinesa, que percorre minhas experiências ao longo dos últimos 20 anos, que de uma maneira muito íntima passou a se confundir com meus modos de dançar, ou... com o meu sentir e pensar a dança. Não me refiro somente a uma mecânica do gesto ou a um trajeto visível do movimento, mas aquilo que faz um movimento qualquer de transformar em dança, uma poética. Essa diz respeito ao que pode nos tocar numa obra de arte, sejamos os apreciadores dessa obra ou o artista que a criou. Ela nos mobiliza a criar e permite a ressonância da criação no imaginário coletivo, dá vida e é mola propulsora da criação, como também da fruição. Nas palavras de Louppe (2012, p. 27) “... revela-nos o caminho seguido pelo artista para chegar ao limiar onde o acto

artístico se oferece à percepção, o ponto onde a nossa consciência a descobre e começa a vibrar com ela” (p.27). A poética tem desejo de partilha, “inclui percepção de seu próprio processo” (p. 27). Essa discussão sobre a poética, no contexto da Dança Contemporânea traz a reflexão sobre o corpo pois sua existência não se faz pela mutação ou utilização de códigos estéticos já existentes (embora esses façam parte da experiência de quem dança), mas inaugura novas formas de partilhas estéticas a partir da experiência de quem dança.

Com base na Fenomenologia compreendo a experiência como modo de habitar o mundo. Para Merleau-Ponty (1994, 2002) esse habitar tem um fundo estesiológico, que mobiliza o indivíduo para a vida. Nessa direção a experiência é considerada como “iniciação aos mistérios do mundo”, sendo essa compreensão distinta da visão empirista, que entende a experiência como resposta a estímulos sensoriais externos (que se encadeiam para gerar a percepção), ou da visão intelectualista, que a pensa como “inspeção intelectual”. Assim, a experiência de mover-se, seja no Tai Chi Chuan ou na dança, pode ser compreendida como nosso modo de ser no mundo, como forma de percepção da própria existência. Chauí (2002) comenta que em várias obras, Merleau-Ponty destacou a experiência do artista ao pintar ou escrever como uma experiência de cisão que não separa, em que o artista e sua obra se aproximam e se distanciam. Nas palavras da autora “A experiência é o ponto máximo de proximidade e de distância, de inerência e diferenciação, de unidade e pluralidade em que o mesmo se faz outro no interior de si mesmo” (Chauí, 2002, p.164). Se a experiência da visão pode ser descrita como “o que em nós se vê quando vemos”, a experiência de dançar pode ser compreendida como o que em nós se torna dança quando dançamos. Assim também nos mostra Sheet-Jonstone, em entrevista a Mônica Alarcon, para quem descrever a dança a partir de uma atitude fenomenológica constitui-se um verdadeiro desafio, pois voltar-se a experiência do dançar é perceber uma dimensão nem sempre evidente ao olhar do público. O dançar é criado na medida em que se dança, não existe de forma anterior a experiência. Sua “integridade estética” predomina sobre qualquer mensagem ou narrativa que a

justifique em seu contexto social, não é possível separar o dançarino de sua forma de dançar enquanto dança (in Alarcon, 2011).

Para Varela (1992), Merleau-Ponty deu um grande passo no sentido de considerar a corporificação da experiência, seu contexto pragmático, e também reconhecer o limite de sua própria filosofia, uma vez que, do ponto de vista da Fenomenologia uma descrição sobre a experiência jamais poderia recuperar sua riqueza. Desse ponto de vista a descrição sobre a experiência de dançar, portanto, pode ser considerada outra experiência, a de escrever ou falar sobre a experiência de dançar, uma ação também importante e necessária a produção do conhecimento em dança.

No sentido de vislumbrar uma possibilidade de compreender a experiência enquanto ela se realiza, Varela (1992) propõe a discussão sobre a meditação. No entanto, considera os tantos significados que o termo meditação pode ter nos vários contextos onde é estudada e praticada. O autor enfoca a meditação a partir da tradição budista, para a qual meditar é estar plenamente consciente do que se faz, no momento em que o faz, ou seja estar presente. É nesse ponto que as reflexões aqui iniciadas sobre a experiência abarcam o tema da presença, ou seja, a partir do estado meditativo. As experiências de movimento advindas do Tai Chi Chuan, a exemplo da descrição do início desse texto, e a própria Meditação, permitem a experiência desse estado de atenção prolongada do presente. Essa experiência parece aproximar-se dos estudos sobre a atenção plena (metaconsciência) presente na área da medicina a partir dos anos 1970.

O Tai Chi Chuan, como prática meditativa, leva a percepção dos fluxos energéticos que nos mantem vivos e conectados ao universo, uma observação atenta, a partir da qual é possível a contemplação da própria experiência pelo praticante no momento em que ela ocorre. Essa experiência, que para mim se confunde com a dança, ou é a própria dança, porque estou embebida nela ao

longo de mais de 35 anos, revela a percepção da experiência do dançar enquanto dança. Cabe aqui considerar o pensamento de Varela, Thompson e Rosch (2003) ao discutirem sobre o método da atenção, budista, “Atenção significa que a mente está presente na experiência incorporada de cada dia; técnicas de atenção são projetadas para levar a mente de volta de suas teorias e preocupações, da atitude abstrata, para a situação da própria experiência da pessoa.” (Varela, Thompson e Rosch, 2003, p.39). Entendo assim que o estado meditativo, como possibilidade de levar o artista da dança a tornar-se atento, experimentar e contemplar a própria dança enquanto dança, pode se tornar uma possibilidade de compreensão da experiência do dançar em seus aspectos imediatos e desencadear outras experiências como a de escrever sobre a dança que se faz. Nesse contexto cabe lembrar a conexão dessas ações com a formação do artista da dança, e a possibilidade criação de poéticas que envolvam as experiências de dançar, falar e escrever sobre a dança como processos de conhecer-se ao mesmo tempo em que se conhece novas possibilidades de dançar.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÓN, M. Maxine Sheets-Johnstone: Fenomenologia da Dança. O Percevejo (On Line), 3 (2), 4-13), 2011.
- DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia, 7(2), 371-378, 2002.
- CHAUÍ, M. Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LOUPPE, L. Poética da Dança Contemporânea. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.
- LAUNAY, Isabelle; GINOT, Isabelle. “Ser bailarino apesar da escola | devenir danseur malgré l’école”. <http://idanca.net/ser-bailarino-apesar-da-escola/>. Acessado em: 28/07/2014
- MACHADO, M. M. O diário de bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas. Revista Sala Preta, 2, 260-263, 2002.
- MERLEAU-PONTY, M. A Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. A prosa do mundo. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

PESSOA, F. Livro do Desassossego. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000008.pdf>

VARELA, F. Sobre a competência ética. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1992.

Varela, F., Thompson, E., Rosch, E. A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.